

EDITORIAL

A revolução liberal e a guerra civil são acontecimentos que marcaram de forma indelével e multifacetada as relações luso-britânicas, nomeadamente através de notícias sobre Portugal publicadas na imprensa inglesa, da acção política dos emigrados portugueses em Londres, da intervenção militar britânica nas lutas liberais e respectivas repercussões em relatos de testemunhas oculares, bem como em textos de cariz romanesco, poético e dramático (em português e inglês), cuja acção se desenrola durante esse período. Recorde-se, a propósito, que na altura da evocação do bicentenário destes acontecimentos, em 2020, o número 29 da *REAP/JAPS* foi exclusivamente dedicado a esta temática, que, como se pode constatar no artigo da autoria conjunta de **Elisabete Mendes Silva e Pedro Couceiro** – “**The infection of liberty has reached this country’: The First Liberal Attempts in Portugal Represented by the British Press**” – está longe de se encontrar esgotada, pois o artigo demonstra que a imprensa britânica manteve algumas reservas face ao reconhecimento da Revolução de 1820, sobretudo por ter sido levada a cabo por forças armadas, cuja influência política temia. Na verdade, a imprensa constitui um repositório quase inesgotável de (novas) informações que contribuem para ampliar, de forma significativa, as representações de Portugal na Grã-Bretanha e vice-versa, e respectivas análises. Tal se comprova também no artigo de **Miguel Alarcão**, “**A Lad from Portugal**”, inserido na secção de “Projectos”. A partir dos ecos na imprensa britânica coeva da morte de um jogador português, o autor chama a atenção dos investigadores para o que ainda há para explorar sobre a importância dos cruzamentos culturais luso-britânicos, desde os finais do século XIX, no respeitante a actividades desportivas, nomeadamente através da imprensa.

Neste contexto, o Projecto de investigação intitulado “Cross-Cultural Discourses: Portugal, Britain and the Press”, consultável em <https://cetapsrepository.letras.up.pt/collections/28599715-0efa-41a-1-a8ba-c80f96877183> e integrado na área de investigação “Anglo-Portuguese Studies” do CETAPS, constitui um exemplo paradigmático do muito que ainda há por investigar no periodismo português e britânico da perspectiva da referida área de estudos. O principal

objectivo do Projecto reside em levar a cabo uma análise crítica dos discursos da imprensa portuguesa e britânica do século XX, com o intuito de avaliar até que ponto o confronto de diferentes narrativas e estratégias de representação pode contribuir para o estudo das relações interculturais entre os dois países, bem como auxiliar na (des)construção das muitas imagens culturais que desempenharam um papel de relevo na mudança e hierarquização das duas culturas. Na secção “Recensões Críticas”, **João Paulo Ascenso Pereira da Silva** apresenta uma recensão ao livro de “**Gabriela Gândara Terenas, *Imprensa, Viagens e Política: Episódios das Relações Luso-Britânicas ao Tempo da Primeira República*. Vila Nova de Famalicão: Húmus, 2024**”, o qual constitui já um dos primeiros resultados do mencionado projecto de investigação.

Originalmente publicados na imprensa, nomeadamente na *Gazeta de Notícias* do Rio de Janeiro e no jornal portuense *Actualidades*, os textos reunidos sob o título *Cartas de Inglaterra* e *Cartas de Londres* serão porventura dos primeiros que evidenciam, de forma inequívoca, a relação de Eça de Queirós com a cultura britânica, conferindo ao insigne escritor uma centralidade muito particular no âmbito dos Estudos Anglo-Portugueses. Todavia, será o estudo de Teresa Pinto Coelho, *Eça de Queirós and the Victorian Press* (2014), objecto de uma recensão crítica publicada no número 23 desta Revista, que revela um Eça claramente anglófilo, sobretudo no respeitante à influência que nele exerceu o jornalismo inglês de Oitocentos. A ligação de Eça à cultura britânica é retomada no presente volume da REAP/JAPS através de outra recensão crítica, da autoria de **Rogério Miguel Puga** – “**Teresa Pinto Coelho, *Eça de Queirós no Egipto e a Abertura do Canal de Suez: Viagem, Orientalismo e Império*. Lisboa: Tinta da China, 2024, 366 pp. ISBN: 9789896718732**” –, a mais um estudo queirociano levado a cabo pela mesma autora, desta feita sobre a viagem do jovem Eça ao Egipto. Da perspectiva das relações anglo-lusas, destaca-se a sua admiração pela cultura britânica, mas também a crítica à administração colonial inglesa, a par da previsão de um Canal (e de um Egipto) sob o domínio do imperialismo britânico, como efectivamente viria a acontecer. Recorde-se, a propósito, o golpe político e

estratégico do então Primeiro-Ministro britânico, Benjamin Disraeli, que, já após a inauguração do Canal do Suez, e com o intuito de fortalecer o domínio britânico sobre a rota imperial e o comércio na região, se aproveitou da situação financeira do então Quediva (ou Khedive) Ismail Pasha para comprar a sua parte das acções do Canal (em 1875), ficando rapidamente os britânicos com a maioria do capital. Em consequência, invocando a necessidade de defesa de interesses no Egipto, em 1882 tropas britânicas invadiram aquele território, passando Londres a ter maior influência nele do que Paris.

A relação de Eça com Inglaterra dialoga, de certa forma, com *O Mapa Cor de Rosa (Cartas de Londres)* de Maria Velho da Costa (cujo subtítulo é inequívoco na aproximação a Eça), obra analisada por Cláudia Capela, em “110, Stapleton Hall Road: Imagens de Londres nos Anos 80 em *O Mapa Cor de Rosa* de Maria Velho da Costa”. Neste caso, a autora reflecte sobre o que na capital londrina da década de oitenta do século XX, em particular, e na Inglaterra em geral, se afigura susceptível de ser comparado a Portugal: as mitologias imperialistas e o binómio interdependente carência/violência, o que permite a manutenção do diálogo entre os dois países, bem como as convergências e divergências entre auto e hetero-imagótipos lusos e britânicos.

Os cruzamentos interculturais, com grande eco na imprensa como se referiu, encontram-se inevitavelmente ligados às representações de minorias, ao estatuto e ao olhar do migrante e/ou viajante e, ainda, ao exílio, num contexto mais alargado e de cariz trans-cultural, vectores presentes em dois outros artigos incluídos neste volume. Assim, em “**Samuel Beckett em Portugal**”, Carlos Ceia analisa a estada do célebre dramaturgo em Cascais e, depois, no Funchal e em Porto Santo (acontecimento até agora desconhecido no âmbito dos Estudos Anglo-Portugueses), entendendo-a, justamente, como um exílio desejado ou um refúgio face a uma realidade que, após o seu reconhecimento internacional, se tornara algo adversa. Por seu turno, Márcia Lemos, em “**Um Mar de Esperança: Uma Leitura de *The Road* (Cormac McCarthy), *A Vida no Céu* (José Eduardo Agualusa) e *Prophet Song* (Paul Lynch) através da Lente**

das Humanidades Azuis", reconhecendo a forma como a temática dos (i)migrantes e dos refugiados (os Outros) tem vindo a marcar as actuais agendas políticas, centra-se, mediante uma análise comparada anglo-portuguesa, no sofrimento desse Outro, convocando, para tal, "novos e velhos fantasmas que contribuem para dessensibilizar os seres humanos" e a forma como aquele tem sido responsabilizado por tudo o que se entende como errado, criminoso ou temível para a vida em sociedade. Partilhando um oceano comum, o Atlântico, o enredo dos romances permite uma análise também enquadrável no âmbito das humanidades azuis, remetendo, ainda, para reflexões sobre cenários distópicos.

A utopia enquanto género literário constitui objecto de análise, de uma perspectiva anglo-portuguesa, no artigo da autoria de **Gabriel Touça**, publicado sob o título **"Visões Utópicas em Portugal e na Inglaterra do Século XVIII: Discursos em Contraste"**. O autor oferece uma leitura que põe a par duas obras setecentistas, uma britânica e outra portuguesa, exemplos dos aspectos formais da utopia inglesa e do pensamento utópico português, respectivamente, as quais, até agora, ainda não tinham sido objecto de comparação. Por seu turno, **Gonçalo Santos Dias**, em **"'Purposed action never act to be' ou A Vision in a Dream: Interrupção e Criação Literária"**, evocando o célebre poema "Kubla Khan", compara o processo de criação poética de S.T. Coleridge ao de Fernando Pessoa, a partir do conceito de "interrupção", entendendo-o simultânea e algo paradoxalmente enquanto obstáculo (ou bloqueio) e condição interna (ou metafísica) necessários à produção literária.

Embora de forma ainda bastante incompleta, as relações entre Portugal e o Reino Unido durante o Estado Novo já foram objecto de alguns trabalhos realizados no âmbito dos Estudos Anglo-Portugueses. Neste contexto, destacam-se os artigos publicados na *REAP/JAPS*, como os respeitantes a Roy Campbell, John Gibbons, Neill Lochery ou, ainda, às relações transatlânticas durante os anos sessenta do século passado. Deste modo, o artigo de **Maria Zulmira Castanheira**, **"...The Picturesqueness which is Portugal's Charm': o Olhar Estético de Nina Murdoch em *Vagrant in Summer: Holiday***

Memories of Nine European Towns (1937)", vem contribuir para colmatar essa lacuna, mediante a análise do olhar de uma viajante australiana (origem que, aliás, constitui uma novidade no âmbito do estudo dos viajantes oriundos de países de língua inglesa em Portugal) em que sobressai uma visão idealizada do Estado Novo, enquanto destino turístico privilegiado, correspondente, em grande medida, à imagem veiculada pela propaganda do Regime. Por outro lado, na recensão crítica "*Neill Lochery, Out of The Shadows. Portugal from Revolution to the Present Day. London: Bloomsbury, 2017. 353 pp.*", Ana Rita Pereira Brettes centra-se na última obra do referido historiador, desta feita dedicada ao período situável entre a Revolução de Abril e a actualidade. Neste caso assinala-se a forma como o autor confere particular relevo às fontes britânicas e norte-americanas (em detrimento das portuguesas) na construção de uma narrativa cujo mote, para cada capítulo, é constituído por letras de canções originalmente escritas em inglês. Trata-se de estratégias discursivas através das quais se visa inserir a história mais recente de Portugal no âmbito das relações europeias e transatlânticas de matriz anglo-saxónica.

Finalmente, João Paulo Oliveira e Costa, na recensão crítica "*Cacey Bowen Farnsworth, Atlantic Crossroads in Lisbon's New Golden Age, 1668-1750. University Park, The Pennsylvania State University Press, 2024*", retoma, em grande medida, a questão das relações transatlânticas e sua importância na história do país, embora em épocas muito anteriores. Neste contexto, destaca-se a dimensão económica conferida à capital, mas também (e talvez sobretudo) o protagonismo das comunidades britânicas sedeadas em Lisboa e no Porto, cujo crescimento e pujança se deviam justamente à sua situação geográfica privilegiada e naturalmente promotora de interações de cariz transatlântico.

Setembro de 2025
Gabriela Gândara Terenas